



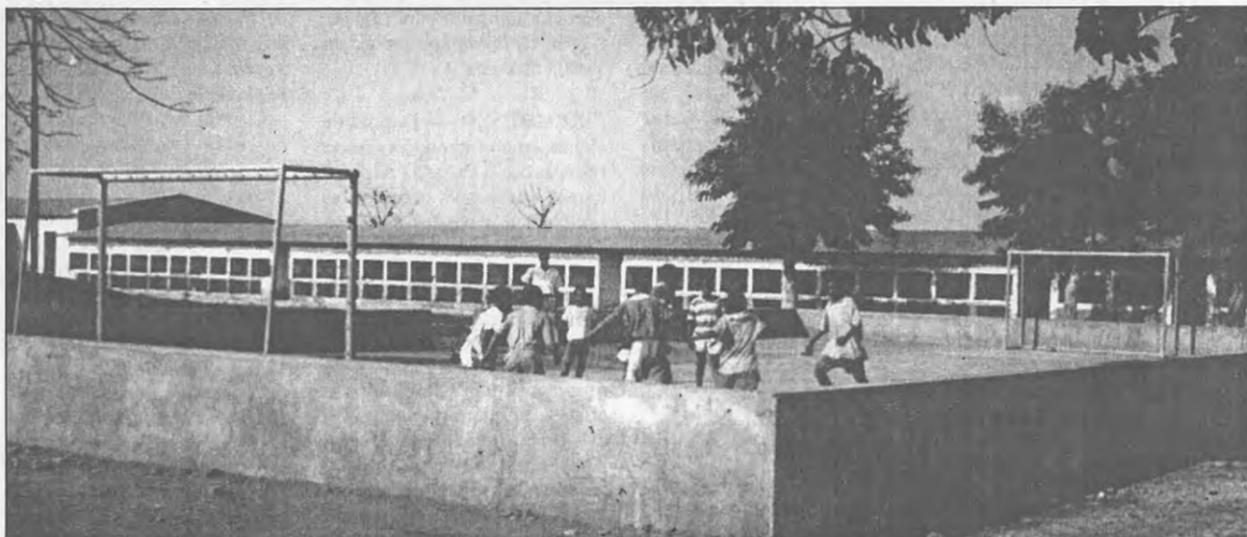
NATAL

JÁ terá acontecido, mas não me lembro desta coincidência: uma edição d'O GAIATO com a data de 25 de Dezembro. O facto sugere-me outra coincidência mais importante, porque de espírito: o do tempo e o que dá vida à Obra da Rua e veemência à sua voz: o nosso jornal.

Na verdade, no tempo de Natal percebe-se melhor o carácter de pequenez que enforma todo o Evangelho. Jesus é chamado de Menino. O Seu nascimento ocorre em condições de extrema pobreza. A revelação do acontecido é dirigida primeiramente a gente pequena, pastores que a acolhem em júbilo. Da mesma sorte, homens de alma simples e ansiosos da Verdade vêm de longe reconhecê-lo e homenageá-lo. Os grandes — «o rei Herodes e toda a Jerusalém com ele» — esses «perturbaram-se ao ouvir tal notícia».

E esta notícia continuou, séculos em fora, e continua a empolgar os homens. O Natal faz emergir em cada um a criança que todos foram. Desperta lembranças de um passado em que a inocência dominava. Estimula a um regresso que é progresso, porque «se nos não tornarmos como crianças, não entraremos no Reino dos Céus». E o Reino dos Céus é o Reino de Deus que, exactamente no Natal, começou na Terra. É aqui e agora que esse regresso tem de ser empreendido se queremos progredir para a meta que separa o transitório do eterno, o tempo de merecer do tempo de receber a «coroa reservada aos que combateram o bom combate». Por isso é importante tudo quanto nos ajude a recapitular a criança que espontaneamente fomos e a amar a criança para que, voluntariamente, caminhamos.

Continua na página 4



Casa do Gaiato de Moçambique

Malanje dia-a-dia

20/10/93

Caritas, Paróquias e S. Sociais empenhados em levar aos que sofrem fome os alimentos que os aviões da PAM transportam. Bem.

Há vários centros de distribuição a famílias nos bairros — e muitos centros que servem leite, papa e outros alimentos cozinhados para as crianças. Padre Viana deu o impulso.

Talvez esta onda benéfica de solidariedade cristã consiga mitigar um pouco a falta de sensibilidade duma geração que cresceu na guerra e sem uma educação e orientação para o amor.

Em todo este processo, falhou o sistema educativo e de saúde. É fácil culpar, somente, a guerra... Nem só ela tem culpas neste descalabro social.

Estamos sempre a tempo de encontrar um caminho... Um caminho que nos dê Esperança.

22/10/93

Grão a grão, o menino apanhava no prato o resto do arroz que lhe tinha tocado no almoço. Os dedos sujos e o cuidado por não perder só um! A fome dos longos dias deu a esta criança o dom do aproveitamento.

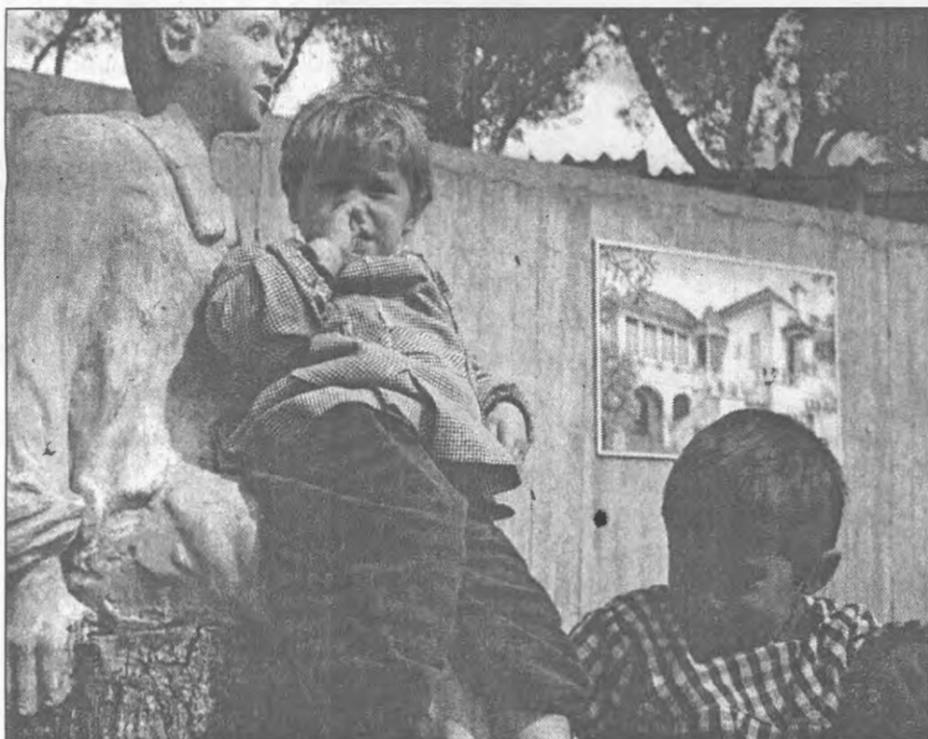
Lição para as crianças da Europa que, sob o olhar complacente e deformado dos pais, estragam tanta coisa.

Conservo fresca na memória a recordação do exemplo que um engenheiro amigo me deu quando um filho lhe disse ao almoço que não gostava:

- Não gostas, filho?
- Não, papá.
- A mamã guarda na geleira e comes ao jantar.

Ao jantar, no seu lugar, o mesmo prato... Soluços com lágrimas, mas não comeu.

Continua na página 4



Os «Batatinhas» da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo — berço da Obra da Rua — também são mensagem de Natal.

TRIBUNA DE COIMBRA

Temos necessidade deste tempo salutar

O Natal! Outra vez, o Natal! Ao menos uma vez em cada ano que passa... até que o sonho do poeta — todos os dias devia ser Natal — aconteça real e jamais conheça o caso.

Temos necessidade deste tempo salutar, no calendário e na vida. Pena é que nem sempre assim aconteça ou, quando, desvirtuadamente.

Um tempo breve. Suficiente para que cada um possa, espantosamente, voltar a encontrar aquilo que há de mais puro em si mesmo e nos outros: a força de uma criança. Um tempo no qual cada um de nós deseje chegar ao fim como começou: alma de criança. Uma Criança mostrar-nos-á sempre a maior parte da verdade acerca de cada um de nós, tal como o Natal, a verdade acerca de Quem nele se revela: Deus.

Numa Criança Deus fez o Seu aparecimento mais desconcertante. Mistério. Escapa a tudo e a todos. Os pastores foram e são ainda os que não se espantam.

Por uma Criança Deus aponta o caminho mais exacto para a compreensão do Mistério do Reino dos Céus. E, no bem ou no mal que aos mais pequeninos se faz, fez consistir a matéria do julgamento final, tal como o prémio ou castigos correspondentes.

É ainda no amor ou desprezo pelos mais pequeninos que uma sociedade humana manifesta a sua grandeza, os seus altos valores ou seus desvios mais profundos.

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

NATAL — Por força das circunstâncias..., o tempo de Advento tem-nos levado a recordar e testemunhar, com muita alegria, d'alma cheia, as virtudes heróicas de Pai Américo. É uma hora grande..., para todos os seus filhos, para os Pobres que tanto amou — para o Povo de Deus!

Como profeta, pelos dons e carismas com que o Senhor o dotou, foi um sinal de Esperança, anunciando os Caminhos do Mestre — do Presépio ao Calvário e Ressurreição — com suas vivências ao serviço dos Pobres. Proclamou o Mandamento Novo, a doutrina do Corpo Místico de Cristo.

Nessas andanças, em passagem fortuita pelo Barredo — uma das suas coroas de glória — e em contraste com a azáfama consumista do velho burgo tripeiro, nesta quadra, recordámo-nos, ali, imagens de Natal...!

Transpostas para aqui, refletimos numa, preocupante: aquele Pobre — que era amparo dos seus — vítima de acidente de viação. Braço ao peito... Esposa com a filha ao colo. Faces de amargura, por doenças instaladas e miséria imerecida — se não actuássemos. Foram à botica buscar remédios. Demos coragem. E esperança. Outra imagem de Natal!

PARTILHA — Matosinhos, «pequena migalha» da assinante 57002. Tavira, cheque da assinante 36073, «com muita pena de ter levado algum tempo sem ter podido ajudar os Pobres». Melgaço, cheque da assinante 32663 para «contemplar um deficiente». Lisboa, assinante 7464, parte doutro cheque.

Assinante 4456, da Covilhã: «Mando a minha partilha para algumas necessidades», pois «leio sempre com atenção as notícias da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus (também há longos anos sou vicentina)». Assinante 38611, de Cête, com «mil escudos para a ceia de Natal dos Pobres». Dez vezes mais, com a mesma intenção, da assinante 36073, de Tavira. Outra vez mil, de Maria do Rosário — e «perdoai a insignificância da minha lembrança mas, crede, se fossem outras as minhas condições materiais, seria mais generosa. Contudo, nunca me esqueço dos Pobres».

Setúbal: «Junto a migalhinha relativa a Novembro, com todo o carinho da Avó dos cinco netinhos». Assinante 9708, de Coimbra: «É pouco o que mando, e vamos a ver se brevemente poderá seguir mais alguma coisa». Assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, cinco mil: «Mais uma gota no oceano das necessidades dos Pobres». Dez mil, da assinante 31254, de Fiães, «para ajudar um velhinho ou velhinha. Seja por alma de minha mãe». Curiosa legenda de Raoul Follerau, na carta: «Para as vossas Primaveras, existir é agir». Assinante 9550, do Porto, vinte mil: «Não quero recibo nem nome».

Assinante 9790, de Oliveira do Douro: «Uma pequenina ajuda lembrando os familiares

Pelas CASAS DO GAIATO

que já partiram. Que Deus e Nossa Senhora se compadeçam de todos eles». Vinte e cinco mil, da assinante 49647, de Lisboa, «em benefício dos Pobres, conforme as necessidades mais prementes». Mais cinco mil, de Santa Cruz do Douro.

Retribuimos e agradecemos, com amizade, os votos de santo Natal e Ano Novo. Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PADRE HORÁCIO — O nosso Padre Horácio adoeceu e, por isso, anda com uma bengala. Está a ser tratado numa clínica de fisioterapia.

OFERTAS — Agradecemos a muitas pessoas amigas e ao hipermercado Continente as ofertas que nos têm dado: géneros, yogurtes, etc.

ESTUDANTES — Alguns vão bem nas aulas. Em horas livres da Escola, dão uma mãozinha aqui, na tipografia, e noutros trabalhos.

PIÕES — Após o Outono, começou outro divertimento: os piões. Todos os dias, os miúdos estão alegres com eles na mão, mas também, por vezes, há problemas. Os piões são um divertimento de que mais gostam e têm sítio para jogar. É no parque.

«Ganhão»

CONTENTOR — Já foi mais um para a Casa do Gaiato de Benguela. Mandámos muitas coisas, principalmente roupa, calçado, leite, bicicletas e outros brinquedos e comidas. Deus queira que chegue à Casa do Gaiato de Benguela...

VISITAS — Com o belo aspecto da nossa Aldeia, continuamos a receber visitantes. Vêm quase todos os dias. Venham quando quiserem. Somos a porta aberta.

AGRO-PECUÁRIA — As vacas estão bem, graças aos vaqueiros que lhes fornecem bom alimento. Dão-nos o leite que todas as manhãs tomamos ao pequeno-almoço. Por vezes, temos vendido alguns vitelos. Estão gordinhos!

Nas capoeiras há galinhas e coelhos, graças ao Pedroco e ao Rogério que os tratam bem. Não há problemas com os animais!

Quanto ao campo, o Meno preparou terreno e semeou erva

que será alimento para o gado. Agora, os do campo procedem à poda da vinha.

REGRESSO — Depois de algum tempo fora, o «Doninha» regressou à nossa Aldeia. Parece que estava com muitas saudades dos irmãos da Casa. Esperamos que não se meta noutra aventura...!

Sérgio Pessoa

O NATAL — Trata-se de uma grande festa que os cristãos festejam; portanto, é o nascimento do Menino Jesus. Aquele que nos veio salvar do pecado que todos cometemos.

Muitas crianças não sabem o que é o Natal; sabem só que na festa dão prendas e comem-se muitos doces. Infelizmente, na maior parte do mundo, há muita gente que sofre de fome, guerra e doenças que por vezes levam à morte. Por isso, de uma maneira especial, no dia do nascimento do Menino Jesus, todos nós, que somos cristãos, lembraremos aqueles que não têm nada e que não sabem o que é o carinho dos pais.

Em nossa Casa, o Natal é preparado com grande entusiasmo e, também, com interrogações de como será este ano...!

Perguntei a alguns miúdos o que quer dizer para eles o Natal e como gostariam de o passar.

O Hélder tem 10 anos: «É o nascimento do Menino Jesus e gostaria de o passar em casa dos meus pais».

O «Truta», com 9 anos: «É o nascimento do Menino Jesus e gostaria de passá-lo com a minha mãe».

O «Amen», de 9 anos: «É o nascimento do Menino Jesus e não sei como gostaria que ele fosse para mim».

O Hugo, 12 anos: «É o Menino Jesus que nasce. Um dia muito bonito. Gostaria de o celebrar com a família reunida».

O Zé Carlos, 10 anos: «O Natal é o nascimento do Menino Jesus. Representa uma festa grande e gostaria de o festejar com os meus amigos».

O «Tainha», 11 anos: «Não sei o que quer dizer Natal e gostaria de o passar em casa da minha família porque estou com saudades».

O «Bazófia», com 12 anos: «Também não sei o que quer dizer Natal e tinha gosto, nesse dia, de brincar com os meus colegas».

O Danilson tem 11 anos: «É a festa da família e gosto de passar o Natal com os meus colegas».

Desejo um santo Natal para todos os leitores do Famoso.

DESPORTO — Concretamente o futebol, modalidade mais praticada. No feriado de Nossa Senhora da Conceição, aproveitámos bem o dia. O técnico dividiu o plantel em dois grupos: A e B. Às 15 horas, no nosso campo, a equipa B defrontou uma de Vales (Paço de Sousa), enquanto a A se deslocou

ao Candal (V. N. Gaia) para defrontar um Grupo de Jovens, tendo a nossa equipa efectuado dois jogos, partidas de futebol de cinco.

Ambos os grupos cumpriram as obrigações: vencer os jogos. A equipa B, por 9-2; e a A os dois jogos: o primeiro por 14-6 e o segundo por 13-10. Mostrámos, mais uma vez, que estamos em boa forma.

Quero frisar a confraternização com o Grupo de Jovens do Candal. Primeiro, um pequeno discurso de um jovem da terra. Depois, outro do nosso responsável que ofereceu uma lembrança da Obra da Rua. Por fim, o convívio.

Fica um convite para virem a nossa Casa quando quiserem. Somos a porta aberta!

Repórter X

MIRANDA DO CORVO

VISITAS — Ultimamente temos recebido muitas. Na quarta-feira, uma excursão de escuteiros da Pampilhosa. Convidámos muito com eles. No sábado e no domingo vieram algumas pessoas e deixaram muitas prendas para a comunidade. Agradecemos.

OBRAS — Estão a reparar a zona do escritório. O quarto do senhor Padre Horácio e a varanda já foram reparadas. No

oratório têm andado a arranjar as janelas, as escadas e os azulejos.

DESPORTO — Defrontámos uma equipa de Pombal e vencemos por 4-1. Foi um bom jogo. Também defrontámos uma equipa da Pampilhosa. Um jogo difícil. Empatámos por 2-2 e fomos a penaltis. Ganhámos por 4-3. O nosso guarda-redes estava em forma!

JARDINS — Os nossos rapazes arranjam os jardins. Plantámos, em toda Casa, arbustos, trepadeiras e outras plantas. Está a ficar tudo muito bonito!

Frederico

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Em 18 de Dezembro festejámos o Natal — a festa do nascimento de Jesus — com os Pobres. Assim tem sido nos últimos anos. Organizada com muito amor e carinho é uma festa diferente das demais... Com a ajuda dos nossos amigos, este ano demos um pouco mais para passarem, com os seus fami-liares, uma noite de consoada com maior conforto.

Que nesta quadra natalícia os corações dos Homens se abram, acolhendo o irmão necessitado com um sorriso de amor nos lábios e os corações cheios de alegria e paz com a Palavra do Pai. Transcrevemos, por isso, o seguinte trecho do «Profeta Desprezado»:

«Filho de carpinteiro, Filho de Maria, como é difícil olhar para além da Tua aparência e reconhecer em Ti os traços do Filho de Deus!

Profeta desprezado, como é triste para Ti emigrar para outras terras, à procura de corações sem preconceitos!

Querer apresentar-Te aos Homens desse jeito, humilde e montado num jumentinho, este foi o Teu erro!

Tu podias dar um grande espectáculo entrando na Tua cidade num carro de ouro, ao som das trombetas de prata. Aí os teus caros patrícios teriam acreditado em Ti...

Eles não quiseram acreditar só porque Te apresentaste como carpinteiro, como o Filho de Maria e de um certo Zé Ninguém.

Ainda hoje, Senhor, a Tua gente continua distraída e nem sempre Te reconhece nos irmãos. Para nós, o Homem vale aquilo que aparenta; além da fachada não sabemos ir. Um carpinteiro é sempre um carpinteiro. E um ladrão é sempre um ladrão...

Mas se a gente aprendesse a olhar para dentro dos Outros, não seria impossível descobrir no ladrão uma pessoa honesta, na prostituta uma pessoa pura de coração, no condenado um inocente, no ateu uma testemunha, no pecador um justo.

Não seria impossível descobrir na vizinha uma santa, na empregada uma mártir, na bisbilhoteira uma vítima, naquela que nos traíu uma amiga...

Senhor, ensina-nos a limpar o rosto dos irmãos, para que possamos reconhecê-los com «filhos predilectos do Pai».



Hoje e ontem, como «convém à sua índole e idade», os gaiatos «dão batalha nos campos e escrevem o verbo rir a tinta e cor onde quer que passem» — afirma Pai Américo.



Património dos Pobres

Uma carta

«Após a sua visita, desloquei-me ao local com o meu marido e tirámos as medidas do barraco ali existente, e conseguimos fazer um esboço da casa que precisamos de arranjar para esta família e que contempla três quartos, uma cozinha e um quarto de banho.

Sei que ficou muito chocado com a situação desta família. Principalmente ao constatar as condições em que as crianças mais pequenas dormem. O quarto de tijolo, com as telhas que mal protegem as crianças da chuva, e as paredes por onde o vento assobia,

trazendo o frio gelado da noite que se entranha nas roupas pobres de uma cama onde se deitam as sete crianças, que, pelo cansaço do dia e estômagos semi-vazios, se deixam envolver pelo sono que temporariamente afaga os corpos que ali jazem frios, durante a noite, entre gemidos e sofrimento que mais ninguém sente ou ouve. Tem a minha palavra em como tudo faremos para ajudar esta família, acima de tudo estas crianças. Só preciso de um pouco mais de tempo.»

É um casal novo com filhos, que anda a construir a sua casa. Apaixo-

nados por Cristo. Esta paixão leva-os a que todos tenham casa. Ajudemo-los.

O grito

Os candidatos prometeram tanta coisa...!

Tinha razão aquela mulher ao gritar ao grupo de propaganda eleitoral: «Só dou o meu voto a quem me der uma casa».

Todos têm deveres, mas também todos têm direitos. Todos têm o dever de votar, mas também todos têm direito a uma casa. Aquela Mulher tinha razão.

Padre Horácio

PASSO A PASSO

Acredito que o Redentor já vive no Calvário

TIVE o privilégio de viver uns dias no Calvário, o «canto do cisne» de Pai Américo como alguém profetizou, a expressão máxima de toda a sua entrega ao chamamento que um dia o Senhor lhe fez a ser trabalhador da Sua seara.

Esta é, decerto, sempre uma experiência forte, marcada pela Cruz... Por isso mesmo é um lugar e uma vivência de profunda beleza que os olhos vêem e o coração sente.

No Calvário aprendo a viver. A vida entra em nós por todos os poros, faz-nos saborear os seus melhores atributos, de paz, liberdade, fraternidade, na harmonia experimentada com os homens, a natureza e Deus.

O silêncio é o ambiente propício para esta descoberta. Ambiente favorável para a contemplação das maravilhas de Deus e dos homens. Descobre-se como a terra pode ser o lugar deste homem corrompido se redimir nas suas múltiplas relações.

Tudo é feito para encaminhar a vida para o belo

trazendo à luz aquilo que parece não ter existência: É a senhora Adelaide com 90 anos, a mostrar-nos a todos como uma mata pode ser bela porque faz dela o seu jardim; é a Alice pequena, a varrer as folhas caídas das árvores e principalmente a encher-nos de contentamento com o seu sorriso límpido e amigo; é o João, menino para toda a vida, a provar-nos que afinal as convenções dos *normais*, que tanto mal-estar e divisões provocam, nada são, e que o importante são os Outros; é a outra Alice, fazendo-nos ver a alegria que a enche espelhada no seu rosto, alguém que não podendo ver, me transmite a luz para descobrir como o homem sem qualidades aparentes nos pode, *pelo menos*, comunicar vida e gosto por viver...

Juntamente com esta grande riqueza, a nossa incapacidade de ver mais além, o ser incapaz de acolher tantos dons que nos chamam aos mais altos valores. São as amarras do ser imperfeito que somos a não nos deixarem livres para um viver mais perfeito — voltado para o Outro.

O Calvário é sinal do

Mundo Novo, do Reino que é fruto do amor de Deus e do querer do homem. Este Reino, constituído por servidores, em que o maior é o que mais serve, edifica-se e visibiliza-se aqui — obra de doentes, para doentes, pelos doentes.

Na sequência dos dias há uma constante: viver. Aquilo que para quem busca a novidade exterior, é rotina, neste caminhar representa a anulação do tempo pela superação das fragilidades da nossa natureza.

A Cruz e o Calvário são os *alicerces* fundamentais desta vida terrena, a lenha e a forja em que nos moldamos à maneira de Jesus Cristo. Não são a nossa aniquilação, mas

a expressão da vontade de nos transcendermos. No Calvário, o «farrapo» com aparência humana tem a possibilidade de ser homem.

Num tempo em que a vida está a ser negociada por quem não tem direitos de posse, por homens que a não conhecem pois não convivem com Aquele que é o único Senhor de tudo quanto existe, o Calvário indica o sentido e o valor mais radical da vida e o modo de redimir esta existência.

Por isso acredito que o Redentor, o Menino que «vai nascer», já vive connosco no Calvário.

Padre Júlio

DOIS TESTEMUNHOS

Amor dum filho

O princípio de uma trombose cerebral levou-me às urgências de um grande Hospital, que só conheci quando visitei Padre Américo no seu leito mortal; e, outra vez, em aflição com um dos nossos Padres com um derrame ocular.

Era domingo à tarde. Os corredores e salas tinham muitos doentes à espera. Fiquei com a impressão de que todos eram bem atendidos.

Nas longas horas de espera por muitos exames a que fui sujeito, o tempo passou rápido. A meu lado estava um operário, com trinta e dois anos a comandar uma máquina de fiação que lhe comeu os dedos de uma das mãos, todo ligado a tubos, e respiração muito ofegante. Teve a visita dum filho novo que mostrou o seu amor pelo pai. Esteve muito tempo de olhos fixos nele, acariciou-lhe as mãos, tirou umas moedas do bolso das suas calças e pô-las no do pai e ainda ficou assim algum tempo.

Depois beijou-o ternamente e despediu-se: «*Até amanhã se Deus quiser*».

Que amor o deste filho comparado com aqueles que fazem dos pais um montão de lixo!

Carinho dum pai

AQUELE homem passou horas de espera a passear pelo corredor. Estava a acompanhar um filho de catorze anos. Chegou a hora do filho ser tratado. Tirou-lhe o *kispo* e a roupa necessária que pôs em devida ordem. E ficou junto dele. Procurou animá-lo a receber o líquido dos tubos e ajudou-o em tudo que foi necessário. Quando o jovem se impacientava, lembrava-lhe o carinho da mãe: «*A tua mãe, lá em casa, está a pensar em ti*». E o jovem ficava sossegado.

Vi o carinho deste Pai e pensei em todos aqueles pais que abandonam os filhos. As Casas do Gaiato estão cheias de filhos abandonados!

Padre Horácio

Só assim poderemos também reconhecer e aceitar a Tua presença nas pessoas mais humildes e corriqueiras, e Tu não serás mais entre nós um profeta desprezado.»

Meditemos nesta mensagem que tem muito a ver connosco.

Desejamos a todos um santo Natal e 1994 traga mais paz e compreensão entre os homens.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Júlia, 20.000\$00; Assinante 9708, 7.000\$00; Rosalina, 5.000\$00; Amiga, 20.000\$00; Maria Júlia, 10.000\$00; J. R. D., 2.000\$00; Maria Olívia, 5.000\$00; Carolina, 50.000\$00; Assinante 16686, 10.000\$00; Joaquim Martins, 5.500\$00; Bernardette, brinquedos.

Conferência S. Francisco de Assis — Lar do Gaiato — Rua D. João IV, 682 — 4000 PORTO.

Casal vicentino

CALVÁRIO

Estamos a chegar ao Natal. Nestes dias de frio, fazemos trabalhos manuais na nossa sala, tapetes de lã, bordados, bancos e sacos de corda. Outros, vão varrer a folha, fazer as limpezas e outros trabalhos.

Connosco temos duas meninas novas para nos ajudarem. São a Deolinda e a Alice.

Na noite de Natal juntamo-nos todos no salão. Os gaiatos de Beire cantam para nós. Temos a fazer-nos companhia o Menino Jesus. Convivemos todos com alegria. Esperamos depois pelas prendas e pelos bolos. Por fim, a Missa do Galo.

No dia de Natal, depois do almoço, voltamos ao salão e passamos a tarde junto à lareira a conversar, jogar e a ver televisão.

Maria do Carmo e Artur

DOCTRINA



A mesma voz carpideira a lançar novos apelos

MAIS um candeeiro de suspensão, na Gráfica; mais um dito, no mesmo sítio; mais um terceiro, artístico e monumental, deixado na Baixa. No que diz respeito ao capítulo candeeiros de suspensão, parece estar tudo dito e feito; tinha pedido modestamente três e já se apresentaram oito.

NÃO assim com a máquina de costura. Trata-se de um objecto caro, de alcance muito difícil, longe das minhas posses e das tuas disponibilidades. Não se pode, por consequência, esperar a resposta na volta, nem remediar o mal da máquina com a mesma facilidade com que se remediou o da luz. Mas a gente não desanima e continua, como sempre, a olhar para as estrelas; não pasmado, mas activo. Eu podia comprá-la a crédito, se não fosse o medo das dívidas. Tenho de andar muito apurado dentro da Obra da Rua para não comprometer nem abusar dos sócios capitalistas.

O novo hortelão meteu-se em sérias despesas. Lançou na terra semente de tremoços para estrume e de trevo para pastos. Dispôs horta em larga escala, abriu gaivas para árvores, pediu obras de pedreiro nos socalcos dos campos. Quis comprar duas cabras e alfaias; e para o lugar de um falecido porco de raça, negociou outro na feira dos vinte e três. Por outro lado, a regente da Casa reclama capeiras amplas e povoadas de tudo quanto tenha penas e pêlo — tormenta grande demais para pequenino batel. De sorte que a máquina fica a perder de vista. Quem ouvir falar assim da vida e dos trabalhos dentro dos muros da granja dos catraios, cuida, necessariamente, que a Obra tem seus legados e suas receitas e títulos nos orçamentos; mas não. Ela tem única e simplesmente o pulso e o suor de uma criatura fraca que hoje é e amanhã desaparece, mai-lo braço forte de Deus!

DIANTE da evidência de rasgos de audácia, levados a cabo por homens desprovidos de tudo, temos de fazer um acto de fé divina e admirar a sabedoria de Deus que Se serve muitas vezes daquilo que não presta para confusão dos fortes. Assim aprovou ao Mestre enviar Seus discípulos à conquista do mundo espiritual; pobres e *idiotas*, desprovidos de todos os bens, de todos os recursos e de todas as armas. Os processos da verdadeira conquista, a das almas, não sofrem progresso nem alterações e os conquistadores delas saem hoje para a rua precisamente como faziam então — sem nada.

EU tenho guardado sempre este segredo, mas a verdade é que, com a Obra da Rua, como dantes com a da *Sopa*, muito mais do que no tugúrio tenho procurado entrar no palácio, a cujos habitantes é muito difícil dar alguma coisa ou fazer algum bem. Só se pode lá entrar pela caixa do correio e mesmo assim tem a gente de se munir das armas da fraqueza, da indigência, da sujeição. Temos de brandir nas ruas e praças públicas ousadamente, intencionalmente e com persistência, até que aqueles senhores mais aquelas senhoras comecem a duvidar, a não dormir, a querer saber, até que finalmente vem a hora de conhecer e dar glória ao Pai Celeste. E aqui me deixo ficar sentado nos degraus da Obra, mão estendida, com uma máquina de costura pintada na testa, até ser visto e perguntado qual a causa de tal pintura. Pergunta-me tu!

P. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

MALANJE DIA-A-DIA

Continuação da página 1

Ao pequeno-almoço, em vez de leite e das torradas bem quentinhas, o dito do dia anterior. Mais lágrimas e com elas o aprender duma lição que não mais se perdeu.

23/10/93

Factos tristes acontecem todos os dias e filhos de carências profundas.

Hoje foi:
Um amigo meu, todos os dias, mandava a casa dum vizinho com muitos filhos, dois pratos de comida para os catraios. Tudo bem, só que os meninos cada vez mais anémicos... Informou-se e soube que o pai, todos os dias, comia quase tudo!

A fome, neste pai, comeu o tutano no âmago da alma.

30/10/93

O quintal, cercado por muro de adobes, é chão de terra batida. É lá um centro de papa para 300 crianças.

Lindo de se ver!:

Sentadas no chão num grande círculo, cada uma com o seu prato e colher. Quase em silêncio, esperam ansiosas e de olhares profundos. Três mães, orientadas por uma Irmã, fazem a papa. Feita, cada qual espera no seu lugar a vez. Notei que levavam às boquinhas pouquinho de cada vez, fazendo render o prazer.

Muitos têm pés inchados... A Irmã vai pondo em cada prato um comprimido.

Algumas mães de peitos chupados e com os bebês nas costas, esperam também. Em todos os rostos, o espectro vivo da fome...

São 16 horas. Durante a manhã ouvimos, não longe, o troteio infernal.

À noite, uma estação de rádio deu extractos de bonitas conferências sobre as crianças — num simpósio qualquer...

8/11/93

Nunca a cidade banhada pelo manto rubro deste poente me pareceu tão bela! Uma beleza nostálgica... Nesta quietude e silêncio, uma certa expectativa e um certo ar de esperança nas pessoas e coisas.

Há oito dias que os «Joãozinhos» (as

bombas) não vêm.

Fizemos um arranjo no velho e estragado ginásio do Seminário e vamos admitir mais quarenta crianças. Já chegaram quatro: Alexandre e Mingo, irmãos; o Manuel e Tomás, irmãos também. Estes dormiam em qualquer casa das que não têm portas nem janelas. De dia mendigavam e comiam mangas verdes.

Todas estas crianças em abandono têm a mesma história: Os pais morreram ou a mãe foi com outro homem e o pai morreu. A guerra não se compadece e ceifa onde calha.

Minguito, João e Mingo são os mais pequenos; seis anitos. Eles sabem que ainda há um cartucho de rebuçados. Entram. Digo-lhes para fecharem os olhos. Eles fecham olhos, boca e mãos e ficam como estátuas enquanto tiro os ditos. Abrem. Faço, então, a magia de fazer aparecer um a um. É um deslumbramento!

Com três rebuçados!

12/11/93

Cai uma areia pequenina no lago tranquilo... Os círculos graciosos das ondinhas vão até às margens.

— Aqui estou — disse a arcia.

E o lago a recebeu e vibrou.
Assim os teus gestos de amor... Os círculos das ondas descem às profundezas das almas!

Entre a Régua e o Marco, no comboio do Douro, um passageiro sem dar atenção às senhoras, começou a dizer coisas tão porcas que tive de intervir.

— *Quem é você para me repreender?* — disse ele irritado.

— Sou fulano...

Empalideceu e duas lágrimas assomaram...

— *Desculpe, eu sou o Pedro de Picote a quem o senhor arranhou uma casa.*

Em tantos anos as próprias fisionomias ficaram esquecidas. Porém, aquele círculo de onda, bem pequeno, ficou vivo num recanto do seu coração.

Assim os teus gestos de amor! Com os cheques que tens mandado e que temos recebido, vamos pagar o transporte de avião entre Luanda e Malanje de 9 toneladas de leite que uma das nossas Casas do Gaiato ofereceu às crianças de Malanje. Outra, pagou o transporte Portugal - Luanda.

Belo, profundo e banhando os cantos de praia do teu coração!

Padre Telmo

NATAL

Continuação da página 1

Quando, naturalmente, se diz que «a velhice é a segunda infância», estamos a afirmar uma realidade que deve ser sobrenaturalizada. Crescer, em linguagem cristã, é isto mesmo: tender da criança naturalmente inocente para um estado de justiça tenazmente conquistado ao longo de toda a vida, o qual nos reconstitui na inocência, fácil na primeira infância. Este é «o bom combate» que nos assegura «a coroa reservada», «no termo da nossa carreira».

A Graça de Natal proporciona-nos esta motivação para crescermos, a não ser que fiquemos prostrados ao rés da sensibilidade natural que «acha graça em tudo que é pequenino». O Natal é o mistério da pequenez que esconde o potencial imenso da grandeza a que somos destinados, como a semente a árvore frondosa que há-de ser.

Foi neste espírito que Pai Américo concebeu e disse: «A Obra da Rua nasceu pequenina como é próprio das coisas destinadas a ser grandes». Concebeu-a no dia de S. José de 1932, ao ser investido pelo seu Bispo na missão de «recoveiro dos Pobres». Depois, trouxe-a escondida em si pelos túrgios e mansardas de Coimbra onde ela se formou e ganhou corpo. Em 7 de Janeiro de 1940, — tempo de Natal — deu-a à luz em Miranda do Corvo sob a invocação do Santíssimo Nome de Jesus.

Em 5 de Março de 1944, a Obra principiou a falar pela sua própria voz: O GAIATO.

Em 13 de Maio de 1951, do Altar de Maria, em Fátima, proclamou ao mundo uma realidade que ensaiava seus primeiros passos e saiu dali com fôlego para longa caminhada: o Património dos Pobres.

Em Junho de 1953 — mês do Sagrado Coração de Jesus — no fim da Festa no Coliseu do Porto, anunciou: «Para o ano, se Deus quiser...» Deus quis. Foi o Calvário.

Três anos depois, no dia de Nossa Senhora do Carmo, um novo princípio, o renascimento a partir das cinzas do seu Fundador, segundo a sua palavra: «A Obra começa quando eu morrer».

Jesus, Maria e José, a Sagrada Família de Nazaré, «a cujo regresso corresponde o verdadeiro progresso social cristão» — todos os momentos vitais da Obra da Rua lhes fazem referência. Por isso o tempo de Natal nos diz tanto. Por isso folguei pela coincidência deste número d'O GAIATO com o Natal de Jesus.

Com votos de Santas Festas para a multidão incontável dos que nos acompanham com fraternal afecto, rogamos ao Menino — e a todos pedimos que roguem por nós — a Graça do Seu Natal: Que nos dê a inteligência da Sua pequenez e a força para O seguirmos.

Padre Carlos

SETÚBAL

Diante do Presépio todo o homem se devia abismar

A Festa do Natal enche a nossa vida de sentido. O Nosso Deus faz-se menino e nasce como nós para este mundo. Ele, que através do Seu Povo havia revelado ao Homem a sua verdadeira dignidade não se satisfaz com a teoria. Vem Ele mesmo tomar a natureza humana na plenitude da sua Divindade.

Assim nós entendemos melhor e de uma forma prática e concreta que o Caminho de Deus é o Homem. Pela Sua Vida e pregação percebemos também que o Caminho do Homem é Deus.

Tudo o que resvalar deste itinerário é erro e leva o Homem ao equívoco.

Um Francisco de Assis e um Padre Américo entenderam assim a trajectória anunciada e ninguém nem nada conseguiram desviá-los.

O significado do Natal mostra-se sempre que um homem é acolhido como um Deus e sempre que Deus é servido no homem. Tudo o resto é ritualismo, tradição, cerimónia vazia de amor.

O Presépio tornou-se hoje tão fútil como a árvore do Natal. Um ornato próprio desta quadra, sem qualquer significado que não seja o reviver uma tradição cultural, vazia de mensagem. Assim se misturam os dois símbolos sem nada expressarem. Arrepiam-me esta miscelânea.

Diante do Presépio todo o homem se devia abismar e todo o crente se devia interpelar sobre a doação da vida, o gasto do seu tempo, o consumo das suas virtualidades e energias, da sua

riqueza espiritual e material. O presépio foi para Francisco de Assis e deve ser para o homem de hoje um enorme grito de revolta contra esta sociedade fascinada pelo consumo, pelo gozo, pelo poder, e pelo dinheiro; nunca um simples enfeite.

Esforçamo-nos por dar aos rapazes o genuíno significado do Natal. Nem todos o entendem na mesma profundidade. Algo lhes fica na consciência e vem ao de cima na sua vida. Nós regalamo-nos quando eles são capazes de se esquivarem à influência ambiental e fazem actos de heroicidade capazes de traduzir a fé que lhes ajudamos a crescer! O Presépio nas suas casas não é um mito. É algo que os inquieta e faz reflectir.

Assim vêm com mensagens e ajudas económicas que para eles representam muito, pois dão da sua penúria.

Com notícias da sua família em dificuldades, dos seus filhos na Universidade, vem com um cheque de dez contos. Ele que está a pagar a dívida contraída com o arranjo da casa. Outro trouxe-me um computador capaz de arquivar, controlar e desenvolver toda a complicada e larga escrita desta Casa. Mais: vem ensinar-me a manobrar o engenho, a mim que não tenho queda nenhuma para este género de trabalho, nem para as técnicas modernas. Depois das primeiras lições, ao despedir-se, puxou do seu livro de cheques e deu-me um que pus, sem ver, sobre a secretária. Era quase meia-noite e o que eu aspirava mais, naquele momento, era dormir. Ao outro dia vejo o cheque: eram cem contos!

Tudo o que ele é, e tem, deve-se ao seu esforço. Ao

seu trabalho. A quantos a Casa do Gaiato deu muito mais do que a este? A quantos meu Deus! Que hoje vivem, também eles, mergulhados em mitos! E... se esquecem dos Pobres! E dos seus irmãos!

Tanto um como outro não

puseram de parte a sua vida religiosa. Não senhor. São pessoas comprometidas e empenhadas em comunicar o fogo do Espírito que os devora. Gente que vive o verdadeiro Natal!

Padre Acílio

TRIBUNA DE COIMBRA

Continuação da página 1

Quando nas aldeias já se ouvem apenas os gemidos dos velhos, sentados às portas chorando o estaque das fontes da vida — que pedir neste Natal?

Faltam crianças e beirais. Crianças correndo em bando, ávidas de vida e aventura: beirais onde os mais idosos transmitam a cultura e desvendem os segredos que a mãe-natureza encerra.

Quando há meninos «enjaulados» no bem-estar de palácios e mansões, aprendendo a reinar sózinhos, sem outras mãos para jogar nem mais corações com quem repartir — que pedir neste Natal?

Há tanta fonte de vida estancada! E quando ela se abre em brechas de sofrimento, quantos sorrisos de escárnio por mais um ser novo!

Quanta riqueza brilhando nesta Europa de 12 estrelas e quanta cegueira em fazer dela a medida de tudo e de todos; quando antes de tanto brilho apenas o clarão de Belém a iluminou!

Que o Senhor, Menino do Natal, abra as fontes da vida, nas famílias, nos grandes e pequenos meios. Que mais uma vez e por algum tempo se ouça da montanha ao vale, o hino cantado pelos anjos de Belém.

Nós cá em Casa cantamos e é grande o coro de Amigos que às nossas juntam as suas vozes em festa: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens que Ele ama».

Padre João



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocamp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (351) 752245 - FAX 753799 - Cort. 80078898 - Reg. D.G.C.S. 10098 - Depósito Legal 1239